

PORTUGUÊS

Texto para as questões de 01 a 08

O filme **Cazuza – O tempo não pára** me deixou numa espécie de felicidade pensativa. Tento explicar por quê. Cazuza mordeu a vida com todos os dentes. A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver. É impossível sair da sala de cinema sem se perguntar mais uma vez: o que vale mais, a preservação de nossas forças, que garantiria uma vida mais longa, ou a livre procura da máxima intensidade e variedade de experiências?

Digo que a pergunta se apresenta “mais uma vez” porque a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória. (...)

Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção. Ninguém imagina que comer banha, fumar, tomar pinga, transar sem camisinha e combinar, sei lá, nitratos com Viagra seja uma boa idéia. De fato não é. À primeira vista, parece lógico que concordemos sem hesitação sobre o seguinte: não há ou não deveria haver prazeres que valham um risco de vida ou, simplesmente, que valham o risco de encurtar a vida. De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?

Os jovens têm uma razão básica para desconfiar de uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares. É que a morte lhes parece distante, uma coisa com a qual a gente se preocupará mais tarde, muito mais tarde. Mas sua vontade de caminhar na corda bamba e sem rede não é apenas a inconsciência de quem pode esquecer que “o tempo não pára”. É também (e talvez sobretudo) um questionamento que nos desafia: para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?

(Contardo Calligaris, **Folha de S. Paulo**)

1 C

A reação caracterizada como “uma espécie de felicidade pensativa” justifica-se, no texto, pelo fato de que o filme a que o autor assistiu

- convenceu-o de que a experiência das paixões mais radicais não é incompatível com os “progressos da prevenção”.
- convenceu-o de que arriscar a vida não vale a pena porque é prudente nos pouparmos para viver os “tempos suplementares”.
- proporcionou-lhe um exemplo de prazer vital e intenso, ao mesmo tempo em que o fez refletir sobre o “risco de encurtar a vida”.
- proporcionou-lhe um prazer tão intenso que passou a defender a lucidez “de quem pode esquecer que o tempo não pára”.
- proporcionou-lhe um estado de grande satisfação e o fez concluir que é indefensável a tese da “preservação de nossas forças”.

Resolução

A “felicidade” mencionada pelo autor pode ser enten-

dida, nos termos da alternativa c, como “prazer vital e intenso”; o caráter “pensativo” do estado descrito corresponde ao estímulo à reflexão sobre a questão central que o filme levanta, que é — mais precisamente do que formulado na alternativa — a questão da existência ou não de razões que aconselhem uma vida moderada, além do simples “risco de encurtar a vida”.

2 e

Considerando-se o contexto, traduz-se corretamente o sentido de uma frase do texto em:

- a) “Cazuza mordeu a vida com todos os dentes” = Cazuza respondeu com ressentimento a todas as adversidades da vida.
- b) “(...) uma moral prudente e um pouco avara que sugere que escolhamos sempre os tempos suplementares” = uma moral rígida e mesquinha que nos incita a um prazer excessivo.
- c) “Obedecemos a uma proliferação de regras que são ditadas pelos progressos da prevenção” = Curvamos-nos aos inúmeros preceitos que nos deixam prevenidos em relação ao progresso.
- d) “(...) cortasse o galho sobre o qual estou sentado” = privilegiasse o meu instinto de sobrevivência.
- e) “(...) a questão é hoje trivial e, ao mesmo tempo, persecutória” = mesmo banalizada, a questão preocupa o tempo todo.

Resolução

Dizer que “a questão é hoje trivial” significa afirmar que ela foi “banalizada”; o fato de “ser persecutória” corresponde a seu caráter insistente, ou seja, de algo que persegue continuamente, que “preocupa o tempo todo”. Em a, o sentido da imagem “morder a vida com todos os dentes” é “tentar aproveitar a vida ao máximo, no extremo de suas possibilidades”. Os “tempos suplementares” de que fala a frase de b são os tempos que conseguirmos acrescentar à duração de nossas vidas — o tempo que conseguirmos viver a mais. As demais alternativas apresentam falhas evidentes na interpretação das frases dadas.

3 c

Quando o autor pergunta: "para disciplinar a experiência, será que temos outras razões que não sejam só a decisão de durar um pouco mais?", ele

- a) refuta a validade das experiências que sejam vividas sem muita disciplina.
- b) desconfia da decisão de quem disciplina uma experiência para fazê-la durar mais tempo.
- c) considera que prolongar a vida pode ser o único motivo para vivermos com prudência.
- d) duvida de que a disciplina de uma experiência nos leve à decisão de prolongarmos a vida.
- e) questiona a idéia de que a experiência é a melhor base para a tomada de decisões.

Resolução

Na formulação da pergunta está contida a admissão de uma possível resposta negativa, ou seja, de que não haveria outras razões para uma vida disciplinada além da "decisão de durar um pouco mais".

4 d

Considere as seguintes afirmações:

- I. Os trechos "mordeu a vida com todos os dentes" e "caminhar na corda bamba e sem rede" podem ser compreendidos tanto no sentido figurado quanto no sentido literal.
 - II. Na frase "De que adiantaria um prazer que (...) cortasse o galho sobre o qual estou sentado", o sentido da expressão sublinhada corresponde ao de "se está sentado".
 - III. Em "mais uma vez", no início do terceiro parágrafo, o autor empregou aspas para indicar a precisa retomada de uma expressão do texto.
- Está correto o que se afirma em
- a) I, somente.
 - b) I e II, somente.
 - c) II, somente.
 - d) II e III, somente.
 - e) I, II e III.

Resolução

As expressões transcritas em I só podem ser entendidas em sentido figurado, metafórico, a primeira significando "tentar aproveitar a vida ao máximo", e a segunda, "assumir risco sem qualquer proteção ou cautela". Em II, a primeira pessoa, em "estou sentado", é empregada em sentido impessoal. Em III, o autor retoma e justifica uma expressão que acabara de empregar; por isso, repete-a entre aspas, dado o seu caráter de citação.

5 c

Considere as seguintes frases:

- I. O autor do texto assistiu ao filme sobre Cazuza.
- II. O filme provocou-lhe uma viva e complexa reação.
- III. Sua reação mereceu uma análise.

O período em que as frases acima estão articuladas de modo correto e coerente é:

- a) Tendo assistido ao filme sobre Cazuza, este provocou o autor do texto numa reação tão viva e complexa que lhe mereceu uma análise.
- b) Mereceu uma análise, a viva e complexa reação, provocadas pelo filme que o autor do texto assistiu sobre Cazuza.
- c) A reação que provocou no autor do texto o filme sobre Cazuza foi tão viva e complexa que mereceu uma análise.
- d) Foi viva e complexa a reação, que aliás mereceu uma análise, provocado pelo filme sobre Cazuza, que o autor assistiu.
- e) O filme sobre Cazuza que foi assistido pelo autor provocou-lhe uma reação viva e complexa, que a sua análise foi merecida.

Resolução

As frases II e III referem-se à reação que o filme provocou no autor do texto. Para não se repetir a palavra "reação", articulou-se o período utilizando-se uma oração subordinada adjetiva restritiva ("que provocou no autor do texto o filme sobre Cazuza"). Para caracterizar o efeito que a película causou no autor, usou-se a relação de causa e efeito, expressa pelo emprego da locução conjuntiva "tão ... que".

6 b

Entre as frases "Cazuza mordeu a vida com todos os dentes" e "A doença e a morte parecem ter-se vingado de sua paixão exagerada de viver" estabelece-se um vínculo que pode ser corretamente explicitado com o emprego de

- a) desde que.
- b) tanto assim que.
- c) uma vez que.
- d) à medida que.
- e) apesar de que.

Resolução

A relação que se estabelece entre as orações do enunciado é de causa e consequência; por isso a expressão que melhor traduz essa relação é "tanto assim que".

7 b

As opções de vida que se caracterizam pela "preservação de nossas forças" e pela "procura da máxima intensidade e variedade de experiências" estão metaforizadas no texto, respectivamente, pelas expressões:

- a) "regras" e "moral prudente".
- b) "galho" e "corda bamba".
- c) "dentes" e "rede".
- d) "prazeres" e "progressos da prevenção".
- e) "risco de vida" e "tempos suplementares".

Resolução

O autor utiliza a palavra "galho" como metáfora da preservação da vida, já que questiona: "De que adiantaria um prazer que, por assim dizer, cortasse o galho sobre o qual estou sentado?" O "galho" corresponde "àquilo que me mantém", ou seja, "que preserva a minha vida".

A "procura da máxima intensidade de variedade de experiências", de maneira incoseqüente, está metaforizada na expressão "...caminhar na corda bamba e sem rede", ou seja, assumir riscos sem qualquer proteção.

8 d

Embora predomine no texto a linguagem formal, é possível identificar nele marcas de coloquialidade, como as expressões assinaladas em:

- a) "mordeu a vida" e "moral prudente e um pouco avara".
- b) "sem se perguntar mais uma vez" e "não deveria haver prazeres".
- c) "parece lógico" e "que não sejam só a decisão".
- d) "e combinar, sei lá, nitratos" e "a gente se preocupa".
- e) "que valham um risco de vida" e "(e talvez sobretudo) um questionamento".

Resolução

As expressões "sei lá" e "a gente" são marcas de coloquialidade, correspondem à variante ou registro informal da língua. "Sei lá" é uma expressão de dúvida, equivalente a talvez ou possivelmente; "a gente" equivale a nós.

Texto para as questões de 9 a 15.

— Assim, pois, o sacristão da Sé, um dia, ajudando a missa, viu entrar a dama, que devia ser sua colaboradora na vida de D. Plácida. Viu-a outros dias, durante semanas inteiras, gostou, disse-lhe alguma graça, pisou-lhe o pé, ao acender os altares, nos dias de festa. Ela gostou dele, acercaram-se, amaram-se. Dessa conjugação de luxúrias vadias brotou D. Plácida. É de crer que D. Plácida não falasse ainda quando nasceu, mas se falasse podia dizer aos autores de seus dias: — Aqui estou. Para que me chamastes? E o sacristão e a sacristã naturalmente lhe responderiam: — Chamamos-te para queimar os dedos nos tachos, os olhos na costura, comer mal, ou não comer, andar de um lado para outro, na faina, adoecendo e sarando, com o fim de tornar a adoecer e sarar outra vez, triste agora, logo desesperada, amanhã resignada, mas sempre com as mãos no tacho e os olhos na costura, até acabar um dia na lama ou no hospital; foi para isso que te chamamos, num momento de simpatia”.

(Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*)

9 C

No trecho acima, Brás Cubas reflete sobre a história de Dona Plácida, reconhecendo a extrema dureza de sua vida. No contexto do livro, esse reconhecimento revela que Brás Cubas, embora perceba com precisão o desamparo dos pobres, não faz mais que

- procurar remediá-lo com soluções fantasiosas, com a invasão do emplasto, cuja finalidade era de eliminar as desigualdades sociais.
- declarar sua impotência para saná-lo, tendo em vista a extensão desse problema na sociedade brasileira do Segundo Reinado.
- considerá-lo do ponto vista de seus próprios interesses, interpretando-o conforme lhe é mais conveniente.
- transformá-lo em recurso retórico, utilizado por ele nos discursos demagógicos que proferia na Câmara de Deputados.
- interpretá-lo conforme a doutrina do Humanitismo, segundo a qual os sofrimentos dos indivíduos servem para purgar os pecados cometidos em vidas passadas.

Resolução

Brás Cubas, neste como em diversos outros episódios, procede de forma amoral e oportunista, torcendo os fatos no sentido de seus interesses.

10 a

A vida de Dona Plácida, referida no excerto, é muito semelhante à vida de trabalhos duros e incessantes de Juliana (**O Primo Basílio**), com a diferença de que a personagem de Eça de Queirós

- a) não mais se fiava no favor dos patrões, passando a arquitetar um plano astucioso, embora indigno, para emancipar-se.
- b) não era uma agregada, como Dona Plácida, mas uma criada, condição que a tornava ainda mais desprovida de direitos legais.
- c) pautava sua conduta por uma rígida moral puritana, que a fazia revoltar-se contra os amores adúlteros da patroa.
- d) tinha menos motivos para revoltar-se, tendo em vista a consideração de que gozava na casa dos patrões.
- e) não temia miséria nem desamparo e, por isso, enfrentava os patrões de modo aberto e corajoso.

Resolução

A alternativa a descreve precisamente o comportamento de Juliana: descrente dos patrões, procura garantir seu futuro chantageando Luisa, de cujas cartas de teor adúltero se apossara secretamente. Diferentemente do que se afirma na alternativa d, a atitude de Juliana não decorre de puritanismo, mas de puro oportunismo.

11 a

Tal como narrados neste trecho, as circunstâncias que levam ao nascimento de Dona Plácida apresentam semelhança maior com as que conduzem ao nascimento da personagem

- a) Leonardo (filho), de **Memórias de um Sargento de Milícias**.
- b) Juliana, de **O Primo Basílio**.
- c) Macunaíma, de **Macunaíma**.
- d) Augusto Matraga, de **Sagarana**.
- e) Olímpico, de **A Hora da Estrela**.

Resolução

Nos dois romances, as personagens em questão — D. Plácida e Leonardinho — são frutos de amores ocasionais, libertinos porque ocorridos à margem do casamento, e encaminhados por meio de formas especialmente cruas de sedução (no caso dos pais de Leonardo, "uma pisadela e um beliscão; no dos pais de D. Plácida, também uma pisada no pé).

12 d

Consideradas no contexto em que ocorrem, constituem um caso de antítese as expressões

- a) "disse-lhe alguma graça" – "pisou-lhe o pé".
- b) "acertaram-se" – "amaram-se".
- c) "os dedos no tacho" – "os olhos na costura".
- d) "logo desesperada" – "amanhã resignada".
- e) "na lama" – "no hospital".

Resolução

O caráter antitético das expressões da alternativa d deve-se à oposição entre desesperada ("aflita e atormentada com a falta de esperança, de perspectiva") e resignada ("conformada com sua situação"). Tal oposição é reforçada com os advérbios logo e amanhã.

13 a

Dos verbos no infinitivo que ocorrem na resposta do sacristão e da sacristã, o único que deve ser entendido necessariamente, em dois sentidos diferentes é:

- a) Queimar
- b) Comer
- c) Andar
- d) Adoecer
- e) Sarar

Resolução

O verbo no infinitivo que pode ser entendido em dois sentidos diferentes é queimar, no trecho "queimar os dedos nos tachos; os olhos na costura". No primeiro segmento, o sentido é literal; no segundo, é metafórico, equivalendo a "desgastar, consumir, exaurir, extenuar".

14 d

A palavra assinalada no trecho "que devia ser sua colaboradora na vida de D. Plácida" mantém uma relação sinonímica com a palavra dia(s) em:

- a) "um dia, (...), viu entrar a dama".
- b) "Viu-a outros dias".
- c) "ao acender os altares, nos dias de festa".
- d) "podia dizer aos autores de seus dias".
- e) "até acabar um dia na lama".

Resolução

A expressão "seus dias", no contexto, é metonímia para indicar vida: "autores de seus dias" = seus pais, geradores de sua vida.

15 e

No trecho, "pisou-lhe o pé", o pronome lhe assume valor possessivo, tal como ocorre em uma das seguintes frases, também extraídas de **Memórias póstumas de Brás Cubas**:

- a) "falei-lhe do marido, da filha, dos negócios, de tudo".
- b) "mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência".
- c) "se o relógio parava, eu dava-lhe corda".
- d) "Procure-me, disse eu, poderei arranjar-lhe alguma coisa".
- e) "envolvida numa espécie de mantéu, que lhe disfarçava as ondulações do talhe".

Resolução

"Pisou-lhe o pé" = pisou seu pé; "...lhe disfarçava as ondulações do talhe" = disfarçava as ondulações do seu talhe.

Texto para as questões 16 e 17

ESCREVO-LHE ESTA CARTA...

Um ano depois, programa de alfabetização no Acre apresenta resultados acima da média e, como prova final, bilhetes comoventes

Repleto de adultos recém-alfabetizados, o Teatro Plácido de Castro, na capital do Acre, Rio Branco, quase veio abaixo com a leitura do bilhete escrito pela dona de casa Sebastiana Costa para o marido: "Manoel, eu fui para aula. Se quiser comida quente. Foi eu que escrevi." Atordoada com os aplausos, a franzina Sebastiana desceu do palco com a cabeça baixa e os ombros encurvados.

Casada há trinta anos e mãe de oito filhos, ela só descontraíu um pouco quando a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, comentou que o bilhete não precisava ser interpretado como um desafio, embora passasse um sentimento de libertação. Alfabetizada apenas aos dezessete anos, a ministra Marina conhece como poucos o drama daqueles que não são capazes de decifrar o letreiro de um ônibus ou de rabiscar uma simples mensagem.

(Revista **ISTOÉ**)

16 b

O bilhete escrito por Sebastiana Costa tem linguagem simples, mas nem por isso o que dizem suas palavras deixa de conotar um significado mais profundo,

- apontado pelo redator do texto, num comentário pessoal, em tom opinativo.
- indicado no comentário feito pela ministra do Meio Ambiente.
- esclarecido tão logo irrompem os intensos aplausos do público.
- evidenciado pela expressão corporal de Sebastiana, ao descer do palco.
- relacionado ao fato de o público ser composto por adultos recém-alfabetizados.

Resolução

O comentário da ministra do Meio Ambiente, que aparece no texto sob forma de discurso indireto, evidencia o significado mais profundo do bilhete, que corresponde a uma atitude de desafio e recusa de uma condição submissa ("Se quiser comida, quente").

17 b

O título "Escrevo-lhe esta carta..."

- a) contém ironia, uma vez que o bilhete citado no texto não é propriamente uma carta.
- b) resulta de um procedimento intertextual, pois retoma uma expressão freqüente na linguagem das cartas.
- c) refere-se também ao texto do autor da reportagem, redigido por ele como se fosse uma carta.
- d) termina com reticências para deixar subentendido o sarcasmo do autor da reportagem.
- e) imita a variedade lingüística que caracteriza o bilhete reproduzido na reportagem.

Resolução

O título retoma uma fórmula comum no início de cartas. Por isso, trata-se de procedimento intertextual.

Texto para as questões de 18 a 20

*Sim, que, à parte o sentido prisco, valia o ileso gume do vocábulo pouco visto e menos ainda ouvido, raramente usado, melhor fora se jamais usado. Porque, diante de um gravatá, selva moldada em jarro jônico, dizer-se apenas **drimirim** ou **amormeuzinho** é justo; e, ao descobrir, no meio da mata, um angelim que atira para cima cinquenta metros de tronco e fronde, quem não terá ímpeto de criar um vocativo absurdo e bradá-lo – Ó colossalidade! – na direção da altura?*

(João Guimarães Rosa, "São Marcos", in **Sagarana**)

prisco = antigo, relativo a tempos remotos.

gravatá = planta da família das bromeliáceas.

18 e

Neste excerto, o narrador do conto *São Marcos* expõe alguns traços de estilo que correspondem a características mais gerais dos textos do próprio autor, Guimarães Rosa. Entre tais características só **NÃO** se encontra

- a) o gosto pela palavra rara.
- b) o emprego de neologismos.
- c) a conjugação de referências eruditas e populares.
- d) a liberdade na exploração das potencialidades da língua portuguesa.
- e) a busca da concisão e da previsibilidade da linguagem.

Resolução

Concisão não é característica da prosa luxuriante de Guimarães Rosa, voltada antes para a abundância, à qual não repugna, por exemplo, a sinonímia e outros tipos de repetição. Previsibilidade é o oposto do efeito produzido por esse estilo inovador e arrojado, tanto no léxico quanto na sintaxe.

Comparando-se as concepções relativas à natureza presentes no excerto de Guimarães Rosa com as que se manifestam nos poemas de Alberto Caeiro, verifica-se que em Rosa,, ao passo que, em Caeiro,

Mantida a seqüência, os espaços pontilhados podem ser preenchidos corretamente pelo que está em:

- a) a observação da natureza provoca um desejo de nomeação e até de invenção lingüística / o ideal seria o de que os elementos da natureza valessem por si mesmos, sem nome nenhum.
- b) a natureza é pura exterioridade, desprovida de alma / ela é um ente animado, dotado de interioridade e personalidade.
- c) a natureza vale por seus aspectos estéticos e simbólicos / ela tem valor prático e utilitário, ou seja, é valorizada na medida em que, transformada pela técnica, serve para suprir as necessidades humanas.
- d) a relação com a natureza é pessoal e até íntima / a natureza apresenta caráter hostil e, mesmo, ameaçador.
- e) a natureza é misteriosa e indecifrável / ela é portadora de uma mensagem mística que o homem deve decifrar servindo-se dos instrumentos da Razão.

Resolução

Em Guimarães Rosa, a relação com a natureza é estimulante da criação lingüística e estilística; em Alberto Caeiro, o contacto com os elementos naturais leva à recusa de qualquer abstração, a ponto de o poeta rejeitar até mesmo a generalização que subjaz à nomeação dos seres. Assim, a flor concreta não deve ser subssumida na designação flor, que nomeia qualquer flor, indiferentemente. Numa atitude radical, o poeta rejeita mesmo a idéia geral de natureza, pois o que ele afirma haver são os seres particulares, concretos e singulares, não compreensíveis através de uma abstração como é o conceito de natureza.

Devo registrar aqui uma alegria. É que a moça num aflitivo domingo sem farofa teve uma inesperada felicidade que era inexplicável: no cais do porto viu um arco-íris. Experimentando o leve êxtase, ambicionou logo outro: queria ver, como uma vez em Maceió, espocarem mudos fogos de artifício. Ela quis mais porque é mesmo uma verdade que quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto, o zé-povinho sonha com fome de tudo. E quer mas sem direito algum, pois não é?

(Clarice Lispector, **A hora da estrela**)

Considerando-se no contexto da obra o trecho sublinhado, é correto afirmar que, nele, o narrador

- assume momentaneamente as convicções elitistas que, no entanto, procura ocultar no restante da narrativa.
- reproduz, em estilo indireto livre, os pensamentos da própria Macabéa diante dos fogos de artifício.
- hesita quanto ao modo correto de interpretar a reação de Macabéa frente ao espetáculo.
- adota uma atitude panfletária, criticando diretamente as injustiças sociais e cobrando sua superação.
- retoma uma frase feita, que expressa preconceito antipopular, desenvolvendo-a na direção da ironia.

Resolução

A "frase feita que expressa preconceito popular" a que alude a alternativa e é: "...quando se dá a mão, essa gatinha quer todo o resto...". Os diminutivos "gatinha" e, na seqüência, "zé-povinho" traduzem preconceito em relação à camada popular. A notação irônica e, no caso, auto-irônica é a consideração do narrador de que o "leve êxtase" da contemplação do arco-íris levaria Macabéa à descabida ambição de ver "espocarem mudos fogos de artifício."

O erro de a é que Rodrigo S.M., o narrador, assume explicitamente a sua superioridade social em relação à protagonista de seu romance. Em b, não se trata de discurso indireto livre, mas de mero excursão (digressão) do narrador. Em c não há hesitação, mas a "inesperada felicidade que era inexplicável". Em d não se pode falar em tom panfletário, nem ocorre a crítica e a exortação mencionadas.